

Edição nº 11 | Maio de 2014

REVISTA

PEABIRU

Uma revista colaborativa
sobre cultura latino-americana



EXPEDIENTE

Equipe:

COORDENADOR DO PROJETO: RENAN XAVIER
ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA: DÉBORA COTA
IDEALIZADORA E EDITORA: MICHELE DACAS
BOLSISTAS: RAFAEL MAIER E VICENTE GIARDINA
ILUSTRAÇÃO: ANITA DELVALLE
DIAGRAMAÇÃO: CHRISTIANO TAKATSCH
REVISÃO: PATRÍCIA LIBRENZ
REVISÃO DE ESPANHOL: ADOLFO DELVALLE
CAPA: MICHELE DACAS

COLABORADORES:

MARIA INÊS AMARANTE
FRAN REBELATTO
CARLOS CEZARE
EUGÊNIO PASSOS
ZÉ CHUVA
TERRACOTA

Editorial >>

Aviso aos ciganos e viajantes de toda América Latina: A ditadura em Macondo não será tatuada! Por isso, aproveite os dias longos, a secura do tempo para lutar e ver o mundo, marcando a vida em tua alma! É entre idas e revueltas, arte e histórias que a Revista Peabiru te convida a seguir, no teu próprio passar, adiante. Vem pelo avesso do rio, de furgão, resistindo! Os carpinchos das terras úmidas te dirão que estás por perto. Passa por Macondo, por São Paulo, por Cuba, pelo Uruguay e Assunción. Daí, chega aqui, que gostamos de cores, amores, tambores e ímpetos dramáticos - é o que temos a te oferecer nesta edição!

Nossas páginas estarão te esperando sobre a grama, capivareando!

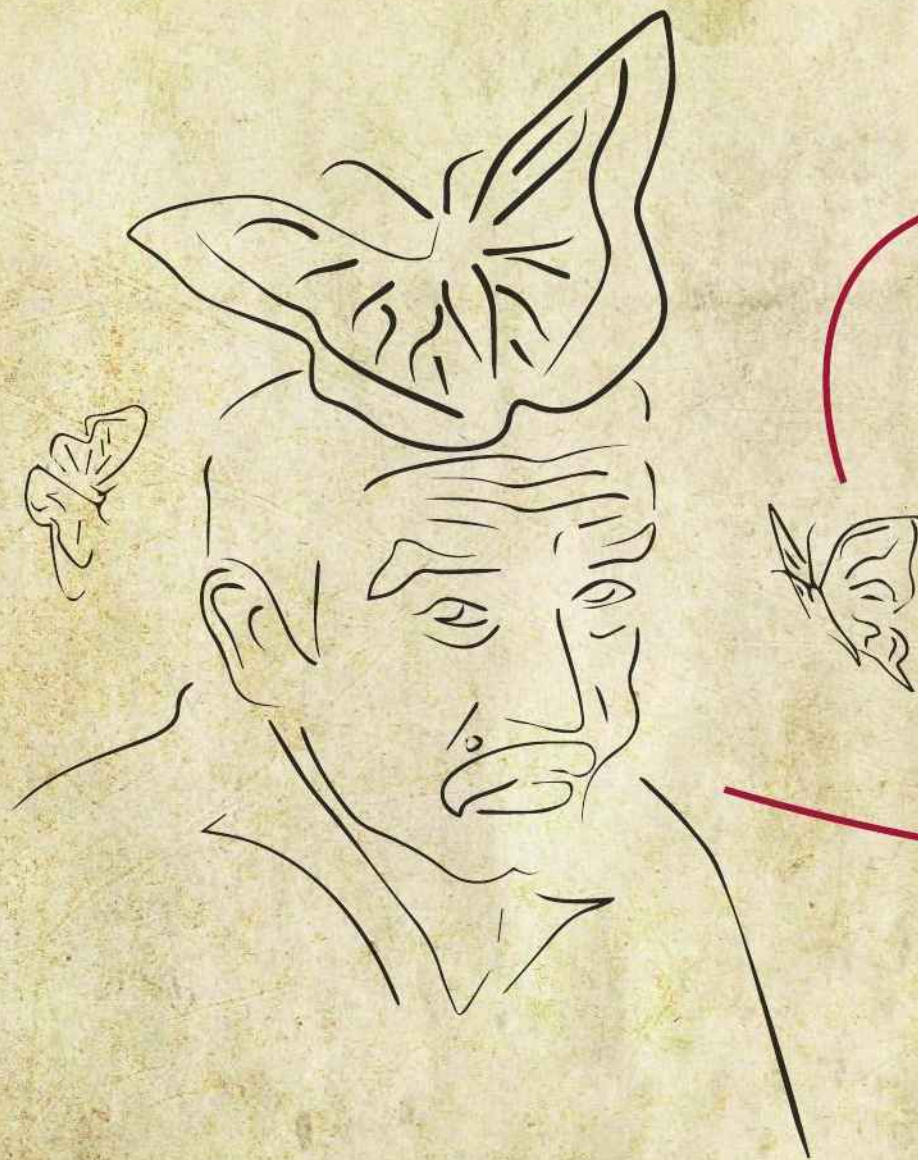
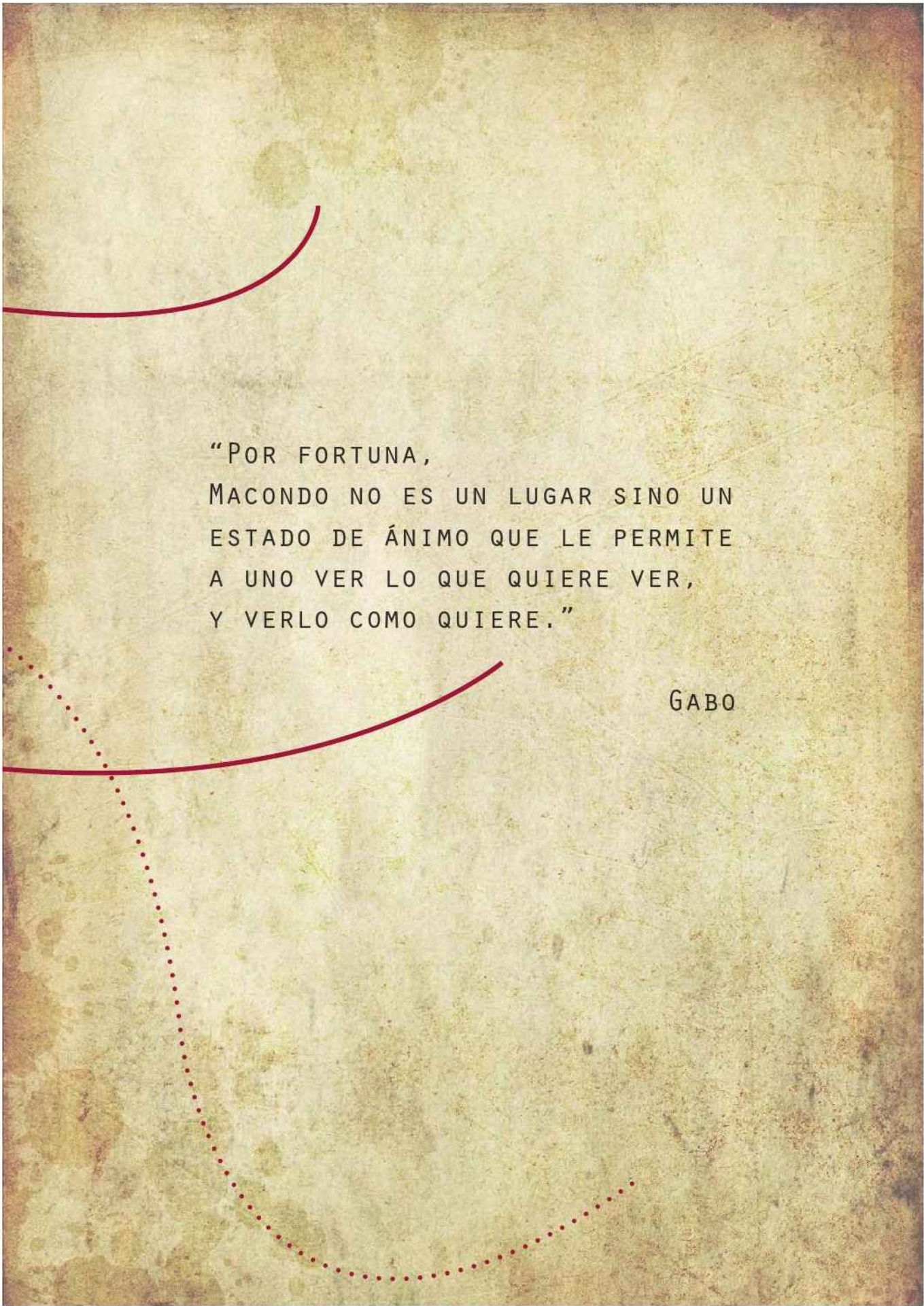


Ilustração: Zé Chuva

Gabriel García Márquez 1927 - 2014

ESCRITOR, JORNALISTA, EDITOR, ATIVISTA E POLÍTICO COLOMBIANO. CONSIDERADO UM DOS AUTORES MAIS IMPORTANTES DO SÉCULO XX, FOI UM DOS ESCRITORES MAIS ADMIRADOS E TRADUZIDOS NO MUNDO, COM MAIS DE 40 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS EM 36 IDIOMAS.

wikipedia.org



“POR FORTUNA,
MACONDO NO ES UN LUGAR SINO UN
ESTADO DE ÁNIMO QUE LE PERMITE
A UNO VER LO QUE QUIERE VER,
Y VERLO COMO QUIERE.”

GABO

Índice >>>

- | | |
|----|--|
| 08 | NOS CORREDORES DA UNILA:
MARTINA SOMOS TODAS NÓS |
| 12 | ENTREVISTA:
ESTAMPA SUBVERSIVA |
| 16 | NOTAS SOBRE A VIDA
CULTURAL BRASILEIRA NOS ANOS 70 |
| 18 | SOBRE INMIGRANTES:
RELATOS DE VIAJES Y AVENTURAS |
| 20 | LÁGRIMAS DE SÃO PEDRO
DERRAMA SUA ARTE POR ONDE PASSA |
| 22 | GABO: UM CINEASTA FRUSTRADO? |
| 30 | NOSSO IMAGINÁRIO COLETIVO:
A CAPIVARA |
| 32 | CUENTO:
EL HOMBRE QUE HABLA PORTUGUÉS |

A dark, close-up photograph of a car's headlight assembly. The image is mostly black, with some highlights reflecting off the curved surfaces of the headlight. In the center, the word "GIRG!" is written in a white, stylized, serif font. The 'G' is particularly large and decorative. The background shows some blurred, glowing elements, possibly from the car's interior or other lights.

GIRG!



Nos corredores da UNILA:

Martina



SO

Foto: Carlos Cezare



omos todas nós



Nos corredores da UNILA:

Martina

somos todas nós

Por Maria Inês Amarante

Recém-chegada na UNILA, me detive no corredor diante de um cartaz com a foto de uma jovem que dizia: Mulher bonita é a que luta!

Ao me ver ali, uma aluna de antropologia perguntou se eu conhecia Martina Piazza. Expliquei que soubera do fato pela mídia, mas que era novata por ali. A garota me abraçou, disse que se chamava Renée e estava feliz por eu estar chegando, porque era muito difícil perder uma amiga! Correspondi àquele abraço e me enterneci pensando se sempre terei a capacidade de atender às expectativas de afeto dos alunos enquanto professora-cúmplice daqueles que esperam um comportamento amigo e solidário!

De repente, me dei conta de que todas as jovens "uni-leiras" que, dia ou outro, fizeram parte da trajetória da colega, estavam chocadas com o seu desaparecimento e que minha vinda coincide com um momento de luto na universidade – sentimento triste partilhado pela jovem que me abraçou. Um minuto de silêncio foi pedido pelo reitor em nossa cerimônia de posse. Um minuto apenas para lembrar o quão simbólica é a perda da vida de uma aluna em plena construção de um futuro que não teve tempo de chegar.

E, por falar em tempo, aflora em minha memória o fato de que eu mesma venho de um tempo em que as mulheres liberadas eram assassinadas e os assassinos seguiam suas vidas sem culpa nenhuma – alguns deles impunemente - porque o triunfo maior do defensor era provar a culpa das vítimas...

Me lembro bem disso nos anos 1970, do famoso caso da "pantera de Minas", a socialite, Angela Diniz, morta e desfigurada pelo amante-gigolô. Pou-

co depois, outro choque! A manchete dos jornais anunciava o que se tornaria corriqueiro: empresária de Beagá morta pelo marido que suspeitava de sua infidelidade... Em tempos mais recentes, um jogador de futebol matou e deu sumiço no corpo da amante que lhe dera um filho. Condenado a um longo tempo de prisão, três anos depois, já se cogita sua liberdade condicional e um contrato para jogar num clube de futebol mineiro...

Militantes de esquerda, prisioneiras, torturadas, também foram mortas sem tanto alarde nos chamados "porões da ditadura" que hoje se abrem na busca pela verdade... Delas, a mídia não falou!

Sempre houve matadores e sempre houve vítimas - mas a mulher tem sido duramente penalizada pelo machismo que impera em nossa América Latina.

Nos anos 1960, a famosa escritora Carmen da Silva, em conhecida coluna que mantinha na revista Cláudia, pontuava que a educação feminina, na primeira metade do século XX, pesou no comportamento das mulheres nos anos 1960: "época em que alguns séculos de educação altamente restritiva e baseada em conceitos falsos deixaram às mulheres um pesado lastro de inibições, receios, hábitos de dependência e de rotina mental (...)".

As mulheres, como lembrava Carmen, se refugiavam na própria fraqueza e tratavam de amparar-se em alguém, em alguma coisa: o marido, o lar, os filhos, o trabalho, a vida social... ou seja, tudo o que deveria ser motivo de auto realização e prazer se transformava em "tábua de salvação".

Mas os anos 1960 também trouxeram rápidas transformações em nossas relações sociais com os homens. A pílula controlava a fertilidade e nos tornava mais livres para o prazer, alterando comportamentos, suscitando novos conflitos de gênero...

Aqueles anos foram marcantes pela luta das mulheres nos movimentos feministas. Além de jornais, grupos e associações que surgiram sob a censura imposta pelos militares, textos e obras marcaram época. Quem não leu a bíblia feminista de Heloneida Studart "Mulher objeto de cama e mesa?" E quem conseguiu ler o polêmico número 10 da Revista Realidade, em 1967? Inteiramente dedicado às mulheres – e em cuja capa estava o rosto de uma linda jovem sob uma lente de aumento – a matéria ousada com a atriz Ítala Nandi "Confissões de uma Mulher Livre" foi censurada por muitos pais e retirada das bancas de revista porque, diziam, era uma afronta à moral e aos bons costumes...

Entre muitas mudanças, também se impunha a da midiáticação em massa do Brasil, via satélite. A TV invadiu as salas das famílias mais respeitáveis, reavivando os conflitos entre o sim e o não: "a mãe da virgem diz que não e o anúncio da televisão estava escrito no portão", cantava o poeta Caetano...

A televisão alterou os padrões de comportamento e tornou-se o veículo que mais estimula a sexualização precoce que impera nas horas de entretenimento. Pais e professores não conseguem acompanhar o discurso, nem ensinam crianças e adolescentes a serem mais críticos quanto ao que veem e consomem como ideal nos meios de comunicação.

Na visão da mídia, a violência aparece como um fenômeno social que simplesmente está por aí fora. Assistimos quase impotentes ao voyeurismo sem limites que expõe corpos e a vida privada de pessoas, numa grande indiferença aos caminhos trilhados pelas mulheres ao longo de tantos anos para buscar, exigir e exercer o direito de serem protagonistas da própria história, com responsabilidade, independência e respeito. Simone de Beauvoir que o diga quando escreveu o seu ainda atual "Segundo Sexo", que marca a condição feminina.

As jovens de hoje sofrem menos preconceitos e assédios dos que as de cinquenta anos atrás..., com menos riscos de uma gravidez indesejada. Mas sempre penso o quanto esta 3ª, 4ª. geração pós-pílula foi penalizada, pois já iniciou uma vida sexual e amorosa sobrevivendo ao estigma mortal da aids... Toda a alegria e a leveza típica das jovens – como imaginar e planejar os anos a vir, pode se confrontar a novos obstáculos inquietantes, num mundo mais pessimista que se manifesta em redes, ainda sem definir a direção!

Em meados do século XIX, na França, Flaubert foi considerado maldito por escrever um romance mostrando que não havia espaço no mundo para o idealismo, pois o que triunfava eram os interesses mesquinhos... Chegou a ser processado por sua obra-prima, Madame Bovary, porém assumiu todos os riscos quando afirmou que a personagem era ele mesmo, mostrando que criamos e alimentamos aquilo que gostaríamos realmente de ser.

Assim é a vida – estamos todos, o tempo todo, fazendo nossas escolhas: podemos optar por um curso ou por outro, por um objeto ou outro, por um comportamento ou outro e até por vingar um crime "nelson rodrigueanamente" ou prosseguir a luta para que isso não mais aconteça.

Para que nenhuma palavra seja em vão, e para que o desaparecimento de uma pessoa tão querida não se transforme apenas num "fait divers" estampado nas páginas de jornais, ou alimente a sede de sangue da mídia sensacionalista que se espalha também pela web, é preciso pensar em todos os riscos que corremos ao assumir nossas relações duradouras ou passageiras, como a que nos levou Martina.

Andando pela cidade, entrei numa perfumaria para comprar shampoo e vi num canto da prateleira um frasco bonito, piramidal e colorido, cujo rótulo estampava a marca "Libido". Passei correndo e tive muito receio de tocar nele! Até quando?

Afinal, neste corredor,

MARTINA SOMOS TODAS NÓS!



Estampa subversiva

A vibração opulenta de cores e formas da arte visual de Lu

Por Rafael Maier

Falar sobre arte não é uma tarefa simples, mas nem tão complexa como pode parecer àqueles que não mergulham nesse mundo de infinitas facetas. Entretanto, para onde quer que se direcione o olhar podemos encontrar suas impressões. E foi assim que conheci o trabalho de Lu, artista visual residente em Foz de Iguaçu, quando minha atenção foi tomada pelo desenho de formas circulares que exibia no braço, uma tatuagem que ela mesma desenhou. Após o primeiro impacto, descobri que seu trabalho se estende muito além de desenhos para tatuagens e que essa na verdade é uma prática recente da artista. Antes de chegarem na pele, suas criações já estavam em telas, paredes, residências, exposições... Tão grande é a variedade de alternativas em que aplica seu trabalho.

Há espaço para o novo e o antigo, para o esquecido e para cada nova ideia que floresça na artista, sua inspiração pode surgir desde o vislumbre de uma estampa qualquer durante uma caminhada cotidiana até a vontade de transformar – ou mesmo recriar – composições com sentidos distintos. Reinvenção de telas esquecidas pelo tempo, reaproveitamento de materiais descartados no dia-a-dia urbano e até a customização de espaços públicos são alguns exemplos das aplicações da arte

de Lu. E é daí que surge sua criatividade, com a mistura de manifestações artísticas de variadas culturas, formas e cores sobre telas, paredes e objetos dos mais diversos, seja um quadro antigo, customizado sob seu olhar transformador, na união de estilos artísticos antagônicos ou mesmo em um painel decorativo associado a um projeto arquitetônico. Lu descreve o seu trabalho como o comportamento da cultura cigana, "gypsy" como se refere, pois a absorção de elementos culturais diversos

“Isso é algo que descobri três anos atrás, que sou asperger, e isso foi uma libertação, descobrir o porquê de eu não conseguir me adaptar às coisas comuns”



ENTREVISTA

É análoga ao estilo de vida dos ciganos, em que os objetos utilizados por esses indivíduos são provenientes de troca, compra ou até mesmo roubo, tudo é complementar e assumido do meio externo, objetos adquiridos de outras culturas. Assim a artista compõe seus trabalhos, fundindo referências notáveis como o barroco ou mesmo a subversão do picho, influência muito característica nas suas obras. Com preferência por desenhos circulares em composições fluidas, vivacidade nas cores e emolduramento das formas sobre a base em que são aplicadas, suas pinturas mesclam a opulência do novo impetuoso em contraste à tranquilidade do antigo que permanecia em repouso, até que Lu o encontrasse.

Em entrevista exclusiva, Lu conta um pouco de sua vida e trabalho, como desenvolveu sua habilidade criativa e os componentes diversos que preenchem sua arte. Confira a conversa:

RP – Como você começou nas artes?

Lu - Logo que meus pais vieram para Foz, nos anos 80, meu pai comprava de vendedores de "porta em porta" enciclopédias e coleções de livros de arte então desde pequenininha eu me lembro de passar a tarde sentada no chão vendo as imagens das telas do Bosch, eu tinha quatro ou cinco anos. E eu era a pior aluna de educação artística, não tinha absolutamente talento nenhum para desenhar, era horrível nos esportes, artes, era horrível para estudar, então eu matava aula para passar a tarde na biblioteca lendo, aprendi na biblioteca muito mais do que aprendi na escola, aprendi inglês, artes, história...





RP - Então lhe faltava a liberdade de seguir do seu jeito ao invés de se adequar à normativa escolar?

Lu - Isso é algo que descobri três anos atrás, que sou asperger, e isso foi uma libertação, descobrir o porquê de eu não conseguir me adaptar às coisas comuns. Então em 1998 eu já não estava mais estudando e não sabia o que fazer, não queria nenhuma faculdade, nenhuma me atraía, não conseguia me encaixar em emprego nenhum, com ninguém, de forma nenhuma, como se fosse uma alma flutuante, e isso me trouxe muita dor. Passando em frente à antiga Ita Galeria de arte na Av. Brasil, havia um curso de desenho, e pensei em passar meus dias desenhando. Fiquei apenas um mês ali e já estava pintando, então decidi sair e começar a pintar. A minha primeira tela foi o retrato de um casal de amigos, eu estava na casa deles e vi uma foto deles se beijando, senti como se fosse uma flecha entrando no meu coração; eu tinha que pintar aquilo, o primeiro grande sinal que eu tive ali foi a emoção. Preciso de uma ação para ter uma reação.

RP – Então você quis imprimir a emoção que captou da imagem?

Lu – Exatamente. Pintar um vaso de flores não é pra mim. Fiz a tela e ficou lindíssima e tenho muito orgulho até hoje, depois disso comecei a fazer outras. Arte é muito difícil, em qualquer lugar, aqui, na Europa, não é algo que as pessoas consomem, os valores mudaram, pessoas preferem gastar R\$300 em um jeans do que em uma tela que ficará para a vida toda e poderá ser passada aos netos.

RP - Como você vê a tatuagem como arte?

Lu - Vejo a tatuagem como uma extensão das artes plásticas, eu consigo pôr o que eu pinto na parede na pele das pessoas, e justamente as pessoas que estão me pedindo tatuagens são as que sempre admiraram o meu trabalho, mas nunca quiseram uma tela minha, agora querem uma tatuagem, apenas expandi pra outro tipo de tela, a pele. Vejo isso com uma visão comercial, não tenho absolutamente nenhuma obra na minha casa.

“Pessoas preferem gastar R\$ 300 em um jeans do que em uma tela”



RP - Então você consegue aliar a sua técnica com a visão comercial, aquilo que o cliente procura?

Lu - É necessário. O legal é ter uma sintonia com o cliente, tem que haver, a maioria dos meus clientes não sabe se expressar. Vivo disso há 16 anos. Peabiru - E os clientes que te procuram já tem uma boa referência de suas obras? Lu - Geralmente sim, eu também trabalho com arquitetos. Eu gosto de trabalhar com cliente difícil de satisfazer, quanto mais exigente melhor.

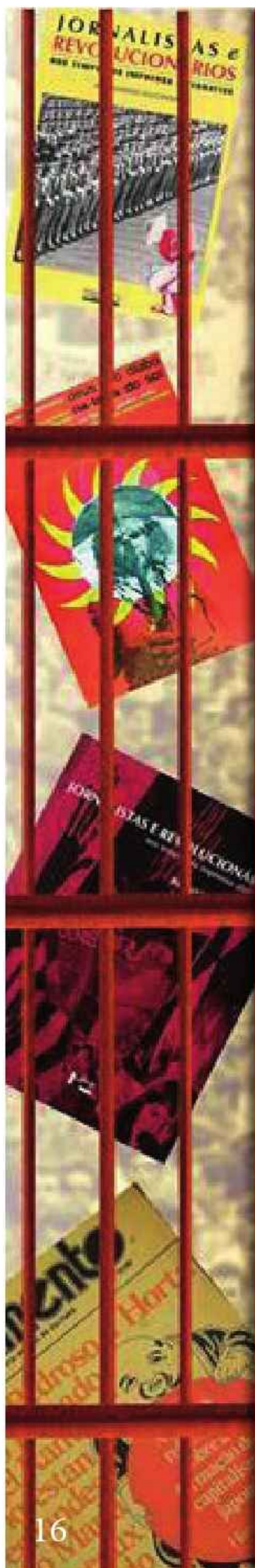
RP - É desafiador?

Lu - Sim, eu amo isso. Não gosto quando dizem para que eu faça o que eu quiser. Peabiru - Assim você também pode obter o senso crítico sobre o seu trabalho ou o que foi mais tocante. Lu - Prefiro uma pessoa exigente que diga o que gostou ou não e quanto mais disser o que não gostou, me arranca um sorriso. Peabiru - E aí você corrige ou planeja tudo num projeto anterior? Lu - Tenho reuniões muito detalhadas com o cliente, pesquisamos juntos, desenhamos juntos, eu preciso extrair aquilo de qualquer jeito até chegarmos num ponto, preciso sair de lá sabendo o que vou fazer. Isso pra mim é um trabalho bem sucedido, é preciso ouvir "não", "sim", "talvez".

RP - Seus trabalhos tem muita influência do picho. O grafite é reconhecido como arte e o picho é apontado como manifestação marginalizada, então de qual forma você o utiliza?

Lu - O picho é marcação de território de uma forma violenta, mas de alguma forma isso me atrai, assim como lustres de cristais me atraem, mas na minha lógica misturar esse dois extremos fica ainda mais bonito, a união da agressividade com a delicadeza do clássico.

“Eu gosto de trabalhar com cliente difícil de satisfazer”



Notas sobre a vida cu

Vista como um segundo momento da ditadura militar instaurada em 1964, a década de 70, mostra-se, do ponto de vista cultural, muito mais tumultuada do que o período de 1964 a 1968. A política cultural em vigor, desde a apresentação do Ato Institucional nº 5 (1968-1979), se caracterizava pelas apreensões de livros, discos, revistas, censura rígida, demissões de professores e funcionários públicos, proibições de filmes e peças teatrais, prisões. Mas, estas supressões não atingem todo e qualquer produto cultural: ela impossibilita a emergência de um determinado pensamento, principalmente aquele que se contrapõe aos ideais políticos e ideológicos do regime. O mais imediato resultado desta política foi o silenciamento de várias vozes ou o exílio voluntário ou forçado de importantes produtores culturais do país. Conforme Bernardo Kucinski, em *Jornalistas e revolucionários* (1991): "Entre 1970 e 1974, do governo Médici ao início do governo Geisel, foram mortos ou desaparecidos 132 intelectuais e ativistas políticos, ou quase 80% do total de vítimas fatais do regime."

Ao lado da repressão política e ideológica havia também estímulo à produção de bens culturais. Em abril de 1973, por exemplo, o Plano de ação cultural é apresentado pelo ministro da cultura Jarbas Passarinho. No en-

tanto, tais atividades eram importantes, desde que submetidas aos interesses e ideais do Estado. Exemplo disso é o apoio ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Em 1973, por exemplo, a Rede Globo completou a parte mais expressiva da expansão de sua rede.

Em geral, o clima de instabilidade pairava sobre todos os esforços de movimentação cultural. No teatro, é possível verificar que, enquanto Gianfrancesco Guarnieri despontava para o sucesso, com duas peças em cartaz (1973) "Um grito parado no ar" e "Botequim", o "teatro empresa", através da capitalização acelerada mediada pelo estado, segundo José Arrabal em *Anos 70 – Teatro*, se consolidava. Já a peça "Calabar – o elogio da traição", de Ruy Guerra e Chico Buarque, não tinha liberação para fazer o ensaio geral, a fim de obter o alvará para o espetáculo, ou seja, sofria intervenção.

No cinema, ao lado da confirmada importância do "cinema novo" no Brasil e no exterior, a produção "atual" estava em crise. Além do pequeno mercado, a burocracia pela qual tinham que passar os filmes nacionais até chegarem às salas de cinema (entre elas, obter uma espécie de "registro civil" que dava a qualificação de "filme brasileiro", registro este a muitos negado), desestimulava.

Cultural brasileira nos anos 70

Quanto às produções literárias do início da década de 1970, observa-se a permanência de escritores já atuantes em anos anteriores, como Dalton Trevisan, Osman Lins, Murilo Rubião, Autran Dourado, entre outros. E a poesia dita "marginal" ou "poesia de mimeógrafo", que utiliza uma espécie de circuito "semi-marginal" de edição devido à capitalização do mercado editorial, também vem à tona. Mas, atuando ora com a justificativa de "subversivas", ora com a de "atentado à moral e aos bons costumes" a censura impediu participar do cenário publicações como *Zero* (1975), de Ignácio Loyola Brandão, *Feliz ano novo* (1975), de Rubem Fonseca e os livros de Cassandra Rios que eram proibidos.

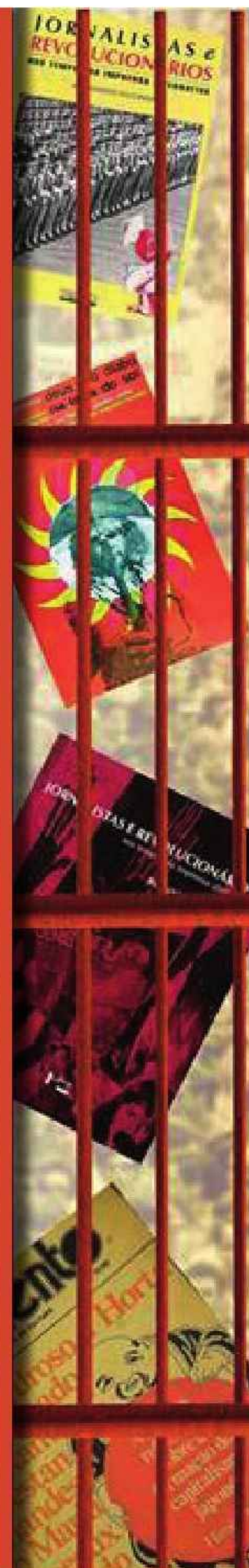
Além dos movimentos pró-guerrilha, encontrava-se também em evidência os movimentos contraculturais, os quais produziram grande quantidade de publicações alternativas que marcavam os seus ideais de liberdade total e indiferença aos discursos ideológicos. Com essa característica circulavam *Fotochoq* e *Ex*, ao lado de jornais e revistas da grande imprensa, como o *Jornal da Tarde* e *Veja*. Ha-

Por Débora Cota
Ilustração: Anita Delvalle

via também de acordo com Bernardo Kucinski uma "vertente existencial" que recorreu às drogas, entre os quais jornalistas do *Bondinho*, *O Pasquim* e *Versus*.

Mas foram marcantes as intervenções militares em periódicos culturais importantes que seguiam uma linha de resistência ao regime. A revista de cultura *Argumento* (Paz e Terra, 1973-1974) teve a edição de número 3 parcialmente apreendida pela polícia, enquanto a quarta estava no prelo. O jornal *Opinião* tem nas recorrentes censuras o motivo de sua extinção.

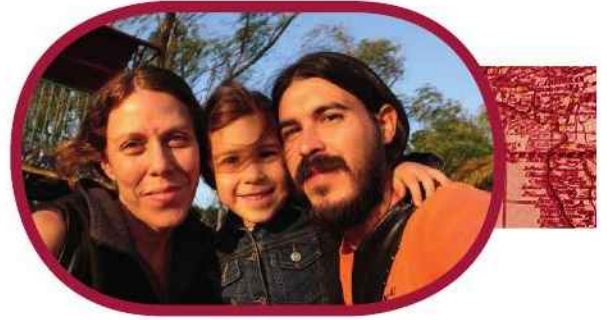
Por fim, o afloramento das canções protesto nas vozes de Chico Buarque, Geraldo Vandré e Elis Regina, as produções para a tela de Cacá Diegues e Glauber Rocha, e as apresentações dos grupos teatrais *Oficina* e *Arena* são ainda alguns nomes de um cenário que exigiu mais do que vontade de se expressar.





Sobre Inmigrantes

Relatos de Viajes y Aventuras



Mariel Fatecha y Amadeo Velazques son los protagonistas de esta historia impregnada de recorridos por el continente latino-americano. Ahora viven en Asunción; siendo profesores de la Universidad Nacional de Asunción, en el departamento de periodismo. Desarrollan proyectos de incentivo social hacia la fotografía y escrita como herramienta de expresión en comunidades y escuelas carentes, y planean, junto a su hija de 8 años, los próximos viajes en camino a descubrir más espacios a ofrecer por el cúmulo de países que conforman la región.



Todo comenzó alrededor de quince años atrás. Los dos paraguayos decidieron embarcarse en una aventura por tierra, bordeando las costas atlánticas del continente, encaminaron viajes desde el litoral argentino, pasando por Brasil, hasta llegar a Centroamérica. Anécdotas varias son recurrentes en esta primera travesía. Los dos aventureros son testigos de historias de fronteras, de burocracias gubernamentales internacionales y de alternativas ecológicas para andar este caminar inédito ¿cómo realizaron estos viajes? Armados bajo la manga con la herramienta innovadora del periodismo libre.

Periodistas mochileros

Nuestros dos personajes son periodistas de estudio y profesión. Mariel, hija de exiliados por la dictadura paraguaya se formó en Argentina. Especializándose en la producción de textos, regresa a su país con el intuito de relatar los diversos viajes que se propondría. Al conocer a Amadeo, quién saldría también de la Argentina como Reportero Gráfico, se arman de sus habilidades para transcribir a texto e imágenes sus viajes. A partir de este punto, en 2003, consiguen apoyo de diversos medios europeos para publicar sus producciones. Argentina, Uruguay, Brasil, Venezuela, Colombia, Panamá, Costa Rica, Nicaragua, El Salvador, Guatemala y México son los objetivos alcanzados. En México, consiguen establecerse y consolidar algunos de sus más importantes trabajos.



Mariel, a través de un fondo especial para la cultura de Paraguay, edita su primer libro; “Vagabundear: Anécdotas de América Latina” donde plasma una síntesis de sus conocimientos adquiridos en sus interesantes viajes. En los medios virtuales, edita un blog con el mismo nombre donde constantemente coloca información de interés acerca de diferentes lugares de la región. Amadeo por su parte, influenciado por ese flujo constante de personas que vieron juntos, edita su obra “Sueños Arrebatados” capturando con su sensible lente, retratos y relatos de centroamericanos deportados de los Estados Unidos, quienes permanecen provisoriamente en un precario hotel llamado “El Inmigrante” en la frontera México – EEUU. Este trabajo le dejó diversos premios de agencias internacionales, hasta el actual año, que fue seleccionado entre 700 fotografías para participar de la bienal más importante del continente, el Festival De La Luz.

El viaje continua

Mismo con apoyo de afuera, mismo conociendo gente maravillosa en las travesías, Mariel y Amadeo son practicantes de un estilo de vida desapegado de ciertas facilidades materiales. Involucrándose con su entorno en cada estación que visitan, pasan por dificultades respecto a establecerse en un lugar, sin sopesar sus ansias de conocer, reconocen estas situaciones como un requerimiento para continuar promoviendo el contacto del ser con el espíritu. En su caso, el espíritu viajero.

Hoy viven en Asunción, tras haber pasado, entre idas y venidas, casi siete años en México, se consolidan en la tierra madre. Con una pequeña integrante nueva en la familia, y con un vehículo que ahora, será también acompañante en sus Vagabunderías sopesan entre sus trabajos académicos y sus viajes al interior y regiones próximas al Paraguay.



En su visita a UNILA, en diciembre pasado, aplauden el proyecto que dialoga con sus pasiones integracionistas. Realizando una conversación en conjunto con estudiantes de la institución compartieron sus experiencias y conocimientos sobre el periodismo alternativo. El periodismo mochilero. El viaje de esta familia en constante migración continua, lleno de relatos e imágenes de lo que se encuentran descubriendo las maravillas de nuestra América. Amadeo y Mariel, son un ejemplo más de la integración a la que está destinada nuestra tierra.

Por Danto Giardina



Lágrimas de São Pedro derrama sua arte por onde passa

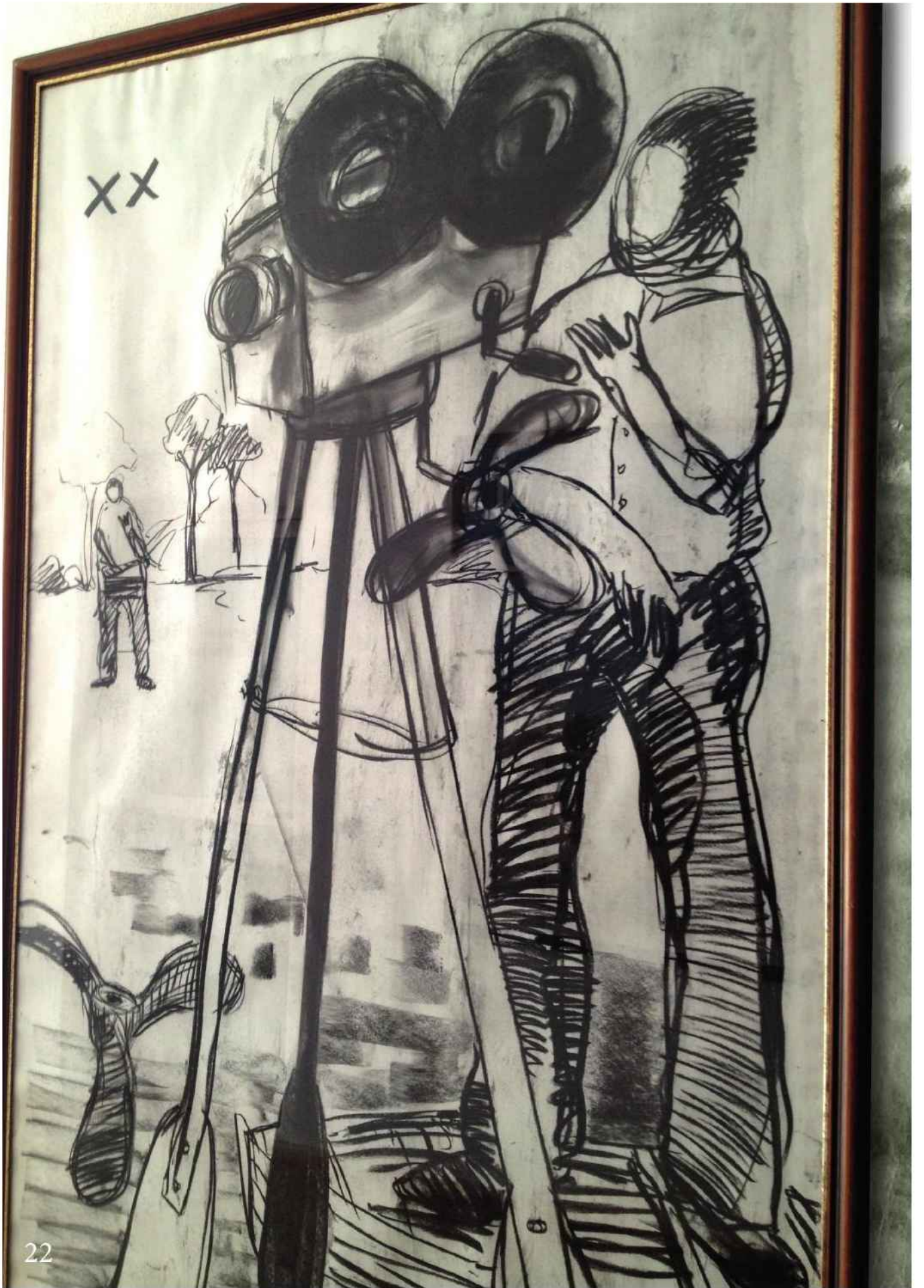
Uma exposição artística que representa a relação do morador da zona rural do nordeste com a chuva. Criada a partir da instalação de mais de seis mil lâmpadas preenchidas com água, a obra foi exposta no Ecomuseu de Foz do Iguaçu entre os dias 21 de março e 18 de maio de 2014

Antes de chegar à cidade de Foz do Iguaçu, Lágrimas de São Pedro passou também por Curitiba, Brasília, Salvador e São Paulo – provocando, sempre, percepções diversas das pessoas com o próprio espaço. Dos muitos lugares que acolhem a itinerância da obra, aqui não temos como deixar de perceber o paradoxo entre o contexto trazido pelo imaginário da seca do nordeste, representado na exposição, e a condição abundante de água que circunda a nossa região repousada sobre o Aquífero Guarani. Uma contradição instigada pela exposição, mas que denota um fator comum entre esse encontro de realidades proporcionado pela sinestesia visual de Lágrimas de São Pedro, que é a água como força vital tanto pela sua escassez como pela sua demasia.

São múltiplas as percepções e expectativas dos contextos que recebem a obra. O próprio criador, Vinícius S. A., recorda que em Salvador ela motivou algo muito mais próximo do sagrado, pela manifestação da religiosidade local. Para ele, isso demonstra que cada lugar tem uma relação específica com a chuva. Vinícius diz que a relevante contribuição do seu trabalho é fazer circular a cultura popular, pois o mesmo é acessível e de fácil leitura, por mais que se realize através de uma apreensão erudita da relação entre estética, ciência e arte.

A mesma diversidade de formas possíveis de leitura da exposição é também a motivação que inspira o artista em suas criações. Vinícius relata que a criação da obra surgiu da confluência entre a experiência nas artes, os estudos na área de geociências e a memória das brincadeiras de infância na casa da avó, no sertão nordestino. “Sempre tive interesse na reutilização de materiais. Eles faziam parte e eram objetos de recreação na minha infância quando eu ia pra casa de minha avó, no semiárido da Chapada Diamantina, onde tínhamos que buscar água e fazer a reza pra chuva. Era imensa a alegria das pessoas quando saíam para as ruas assim que a chuva caía”. Apesar de falar da escassez da água no sertão, a intenção do artista não é fazer política ou erguer bandeiras ambientalistas. E sim, sensibilizar sobre a relação lúdica que o povo do nordeste rural tem com a chuva. Para ele, o discurso e a função política da obra existem, mas não estão na frente dela, são sublimes a ela. Por isso, quando nos enxugamos de Lágrimas de São Pedro, após visitar a exposição, vamos ter a nítida sensação que, ora somos a chuva que cai ou, ora somos o olhar do nordestino que a espera.

Por Michele Dacas



XX



Gabo:

um cineasta frustrado?

Atrevo-me a parafrasear e a brincar com as grandes obras do escritor Gabriel Garcia Marquez, bem como, traçar, nos meandros de uma escrita roteirizada, um pouco de sua história e da sua relação apaixonada e engajada pelo cinema latino-americano. Desde suas referências ao neorealismo italiano até a fundação da Escuela de Cine y Televisión de Cuba, Gabo, ainda assim, se considerava um "cineasta frustrado". No entanto, por meio de seus livros chegou às grandes telas. Foi na Fundación del Nuevo Cine Latinoamericano que deixou o legado: "Nuestro objetivo final es nada menos que lograr la integración del cine latinoamericano. Así de simple, y así de desmesurado".

Por Fran Rebelatto
Fotos tiradas na Escola Internacional
de Cinema e TV-Cuba



Um possível argumento

“Erêndira e a viúva de Montiel, que também não escreveram ao Coronel, guardavam suas crônicas de mortes anunciadas, assim como seus amores e seus tantos outros demônios. O amor nunca foi fácil em tempos de cólera e a memória das putas tristes seguia o presságio em busca do mar de um tempo perdido. Mas já completavam cem anos de solidão”.

O processo

(fragmentos do livro “Me alquillo para sonar” - Taller de guión de Gabriel Garcia Marquez, na Escuela de Cine y TV de Cuba)



Gabo: *Empecemos por establecer las bases: vamos a hacer un trabajo commercial, que se va a vender y en el que todos tendremos crédito. Los derechos serán para la escuela.*

Luiz Alberto: *Y, qué haremos? Una série?*

Gabo: *Tenemos que decidir entre seis y doce capítulos. Todos dependen de cómo se resuelva y cómo se cuente. Pero no quiero empezar hasta que estén todos y sobre todo Doc Comparato, aunque le tengo miedo, pues nos resuelve toda la trama en una mañana. Prefiero que no lean el cuento "Me alquilo para sonar". Esto podría suceder en cualquier ciudad de América Latina. Puedo adelantar esto: una mujer llega a una casa, no sé todavía con qué pretexto, y tiene que dormir allí. La casa pertenece a una familia que nosotros tenemos que construir. Todo ocurre alrededor de este encuentro.*

Susana: *Será mejor pornermos a soñar.*

Tratamento estético e percurso de uma relação

Foi no Centro Experimental de Roma, na década de 50, que Gabriel García Marquez e o cineasta argentino Fernando Birri estudaram o neorealismo italiano. Estavam aí, entre as ideias cinematográficas mais avançadas da época. Elementos da realidade eram colocados em uma peça de ficção. Tão forte era seu vínculo com o real, que essa vanguarda pós-Segunda Guerra Mundial mais parecia cinema-documentário. Ao contrário do cinema tradicional de ficção, o neorealismo italiano buscou representar a realidade social e econômica de uma época. Foi ali, nessa escola, que Gabo pisou pela primeira vez em um set de filmagem:





GENA 1. EXTERNA – RUA - DIA

Gabo (30 anos) - terceiro assistente de produção -, fecha a rua para as filmagens. Entra Sophia Loren (25 anos) pelo lado oposto do set de filmagem.

Anos depois já de volta ao outro lado do Atlântico, Gabo criou, presidiu e impulsionou, desde 1985, a Fundação do Novo Cinema Latino-Americano (FNCL), com o intuito de integrar o cinema latino-americano, de uma forma simples e em excesso.

Gabo

“Nunca a vi, porque meu trabalho consistiu, durante mais de um mês, em sustentar uma corda na esquina para que não passassem os curiosos” (declaração de Gabo sobre sua rápida passagem por um set de filmagem onde contracenava Sophia Loren, no auge de sua beleza e jovialidade)



GENA 2. INTERNA – EICTV – NOITE

Gabo (pouco mais de 50 anos) conversa com Fernando Birri e outros expoentes cineastas latino-americanos. Todos estão em torno de uma mesa, fumando charuto, em um recôndito lugar de Cuba: Santo Antônio de los Baños.

O contentamento é geral na mesa. Ali reunidos, apaixonados realizadores do cinema latinoamericano decidem criar o projeto pedagógico da Escola Internacional de Cinema e Televisão (EICTV).

Gabo

“Nosotros nos hemos dado cuenta de algo que es evidente. Y es que existe. Es una explosión de un cine nuevo en América Latina. Lo que estamos tratando es de crear condiciones para impulsarlo, de introducir ese movimiento en el mercado. El principal inconveniente de la Fundación es el principal inconveniente de todo en América Latina: es que nada está centralizado, que no hay unificación. Los brasileños, los venezolanos, los colombianos y los argentinos hacen cine. Pero son cines fragmentarios. Lo que tratamos es de unificar ese movimiento y que haya una interrelación de todos los cines nacionales”.



Elipse temporal. EICTV em 2014.

(fotos)

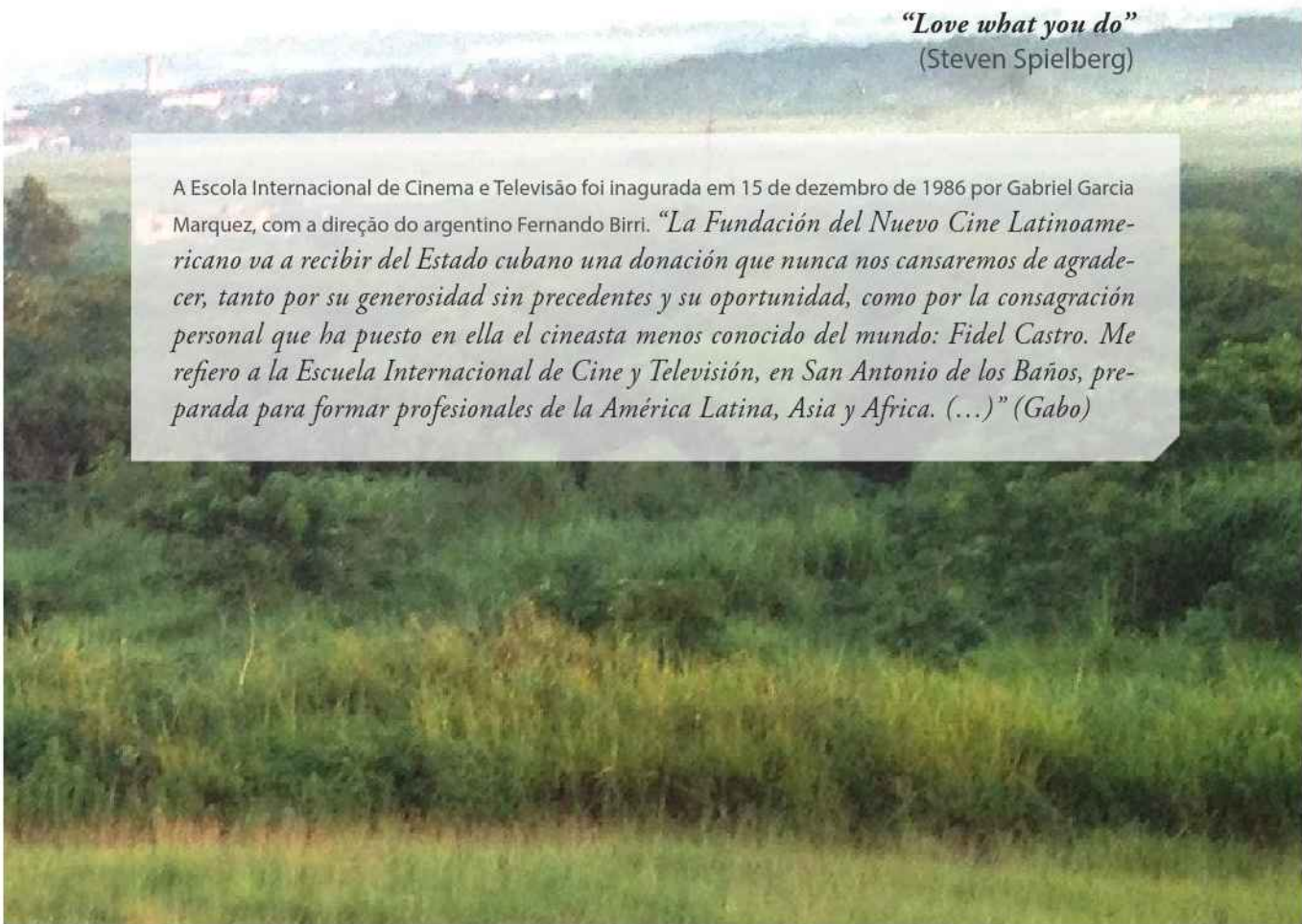
Abri a janela do quarto no prédio dos professores da Escola Internacional de Cinema e Televisão de Cuba e me emocionei com a paisagem que desfilava em frente aos meus olhos. Estava em Cuba, em um pedaço de chão que já tinha formado diversas gerações de cineastas latino-americanos. Parecia improvável: dois homens tocavam duas “juntas” de bois para arar a terra. Cenário de filme. Uma névoa encobria pequenos morros elevados ao fundo de palmeiras. Neste remoto pedaço de terra cubana fazia-se cinema. E o cenário era propício para o encantamento. Pelas paredes da Escola de Cinema e Televisão de Santo Antônio de los Baños, encontrei fragmentos escritos de tantos cineastas e jovens realizadores que já passaram por ali:

“La vida es una película mal montada (y con un final de mierda)”
(Fernando Trueba)

“Pero sueña con los ojos abiertos”
(Fernando Birri)

*“Para que el lugar de la Utopía, que por definición,
está en ‘ninguna parte’, esté en alguna parte”*
(Fernando Birri, acta de nacimiento
de la Escuela Internacional de Cine y Televisión)

“Love what you do”
(Steven Spielberg)



A Escola Internacional de Cinema e Televisão foi inaugurada em 15 de dezembro de 1986 por Gabriel Garcia Marquez, com a direção do argentino Fernando Birri. *“La Fundación del Nuevo Cine Latinoamericano va a recibir del Estado cubano una donación que nunca nos cansaremos de agradecer, tanto por su generosidad sin precedentes y su oportunidad, como por la consagración personal que ha puesto en ella el cineasta menos conocido del mundo: Fidel Castro. Me refiero a la Escuela Internacional de Cine y Televisión, en San Antonio de los Baños, preparada para formar profesionales de la América Latina, Asia y Africa. (...)”* (Gabo)



CENA 3. INTERNA – SALA – NOITE

Erêndira (30 anos) entra.
Gabo (87 anos) lê um livro:

Mais de vinte adaptações das obras literárias de Gabriel Garcia Marquez chegaram ao cinema, inclusive em outros continentes. Crônica de uma Morte Anunciada (1986) foi adaptada pelo cineasta italiano Francesco Rosi. No Brasil, o cineasta Ruy Guerra adaptou o livro A Verdadeira História de Cândida Erêndira e Sua Avó Desalmada. Ficou sendo apenas Erêndira (1980), personagem vivida pela atriz Cláudia Ohana. Guerra trabalhou a obra de Gabo também em A Bela Palomeira (1988) e a minissérie, para TV Me Alquilo para Soñar (Me Alugo para Sonhar). Já o Mexicano Arturo Ripstein buscou no romance Ninguém Escreve ao Coronel (1999) sua adaptação. Mike Newell filmou O Amor nos Tempos do Cólera (2007). Memórias de Minhas Putas Tristes (2011) foi para as telas sob direção do dinamarquês Henning Carlsen, baseado em roteiro assinado pelo próprio Gabo e pelo francês Jean-Claude Carrière.

Erêndira

“Desculpa, Gabo, sei que é abuso de minha parte brincar com o palavreado de suas grandes obras. Mas é inevitável a vontade de transformar tudo que escreveste em histórias transponíveis ao cinema.”

Gabo

“E eu que sou, apenas, um cineasta frustrado.”

Porém deixa lhe dizer Erêndira: De Cem Anos de Solidão não quero nenhuma adaptação.”

No entanto, foi justamente sua principal obra literária, Cem Anos de Solidão, que não foi adaptada ao cinema. Dizem algumas lendas que Gabo sentia ciúmes do romance que lhe deu o Prêmio Nobel. Ou, talvez, sejamos nós cineastas que nos paralisamos diante da profundidade das terras de Macondo? Na complexidade dos seus personagens, na árvore genealógica da dinastia dos Buendía, Gabriel García Marquez povoou nosso imaginário com seu realismo mágico. Como transpor a solidão - este estado de espírito que passa de geração para geração, como um rio que segue seu curso até o rumo final -, para os restritos 90 minutos de uma obra fílmica?



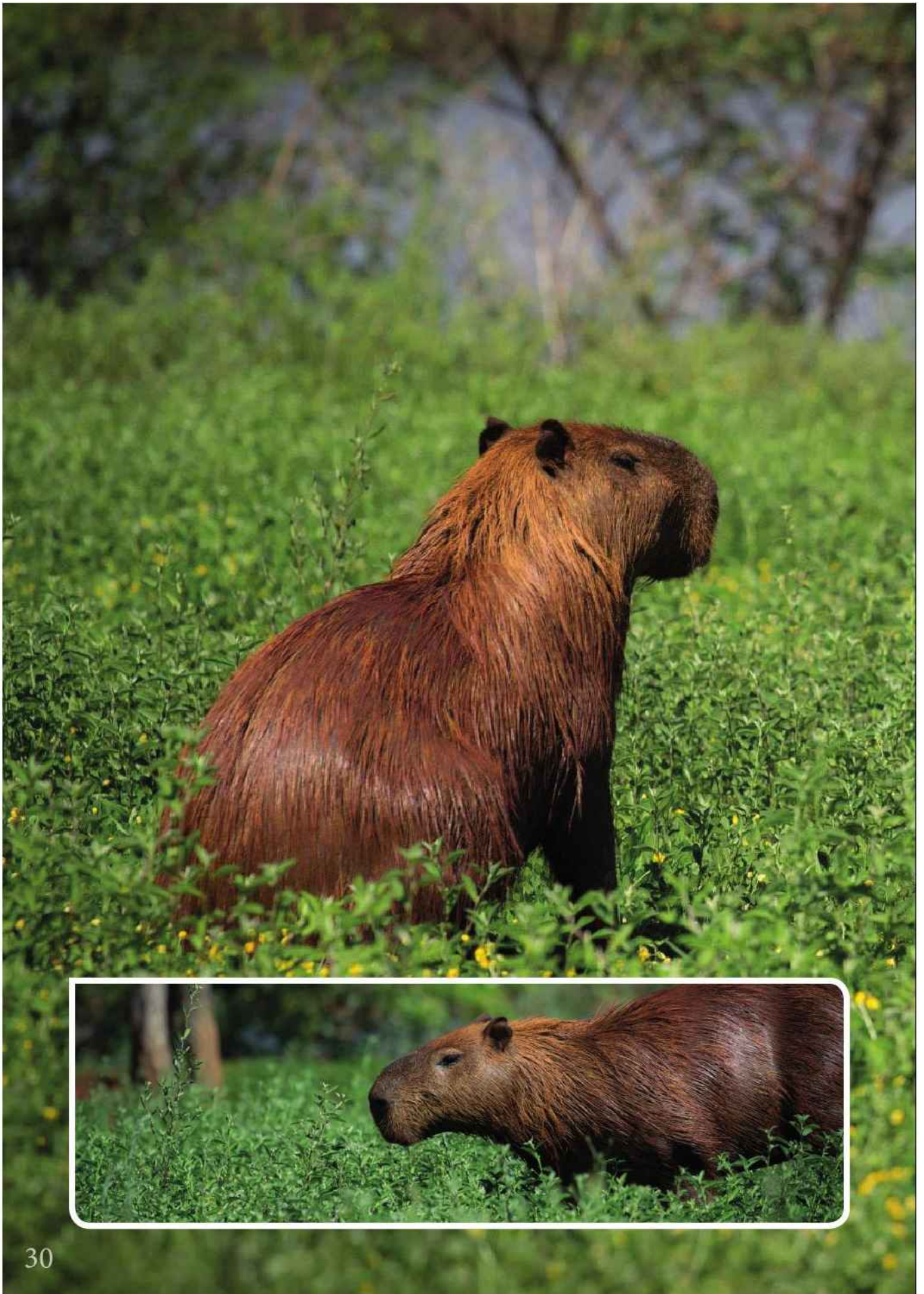
CENA 4. INTERNA – SALA – NOITE

Gabo (87 anos) fecha seu livro e se encosta na cadeira de balanço. A luz baixa do abajur já não afeta mais seus olhos fechados.

Erêndira entra mais uma vez na sala, se envolve pelo silêncio do lugar e apaga a luz. Antes de sair, se aproxima da cadeira de Gabo e vê a frase da contracapa de seu livro:

Erêndira: *“Gracias, Gabo. Um dia me refugio pelas terras de Macondo em uma tela de cinema.”*

“Lo que más me importa en este mundo es el proceso de la creación. Qué clase de misterio es ése que hace que el simple deseo de contar historias se convierta en una pasión, que un ser humano sea capaz de morir por ella; morir de hambre, frío o lo que sea, con tal de hacer una cosa que no se puede ver ni tocar y que, al fin y al cabo, si bien se mira, no sirve para nada?”



NOSSO IMAGINÁRIO COLETIVO: **A Capivara**

Foz do Iguaçu. A cidade do turismo, das cataratas como maravilha natural e da ITAIPU como maravilha energética, guarda dentro do seu imaginário um símbolo em particular. A capivara, resultado da relação natural de nossa cidade com seu entorno - os rios Paraná e Iguaçu, assim como o parque nacional -, é um animal que está presente no dia-a-dia daqueles que moram ou transitam pela região - não só como bicho em si, mas como identidade de vários comércios, coletivos e espaços de encontro comunitário.

ITAIPU acolhe dentro do seu território dez assentamentos confirmados de grupos de capivaras. Eram 210 animais em 2012 segundo informações de uma pesquisa realizada entre UNILA e Faculdade Anglo-Americano, que vivem entre a área do Canal da Piracema e o rio Bela Vista. É lei dentro da instituição o cuidado e a proteção das capivaras - um primeiro esboço da importância da espécie. Nas ruas e avenidas da cidade, é recorrente perceber referências a ela, em marcas e fachadas comerciais. Mas este não é o único sinal de sua influência simbólica.

A capivara tem em si um potencial de símbolo sul-americano, já que está presente em quase todos os países sul-americanos, desde a Venezuela ao Uruguai. O argentino e paraguaio *carpincho*, o uruguaio *capinga*, o venezuelano *chigüire* e a brasileira *capivara* carregam o nome científico *hydrochoerus ydrochaeris*. Ela é um mamífero nativo de clima úmido, sendo o maior roedor do mundo. Movimenta-se em grupos familiares, com algumas exceções de machos maiores que andam sozinhos, e se alimenta de plantas e de peixes pequenos.

Entre 2011 e 2012, quando estudantes da UNILA, em horários de aulas nas instalações do PTI, ocupavam espaços verdes para descansar, comer e conviver entre si e entre os demais “habitantes do PTI”, eram chamados de “capivaras”, fazendo alusão ao comportamento desses roedores, que adoram os gramados, a convivência em grupo e o ar livre. Não queremos, aqui, iniciar um debate se é bom ou ruim essa ligação... De fato que para quem acompanha as diferentes atividades, tanto acadêmicas como sociais, vários coletivos de estudantes exploram essa imagem como estratégia de divulgação e para chamar atenção ao caráter jovial das atividades.



Em definitivo, tudo isto é sinal do apropriação positivo que fazemos em torno do contato e constante diálogo com as manifestações populares da cidade. Quais as características dessa apropriação, tanto por pessoas e grupos da cidade, como de estudantes universitários? Não se tem um esboço certo! De fato, o intuito da Peabiru é precisamente impulsionar a identificação visual como apropriação de espaço, cultura e identidade. As universidades de Foz, junto com os cidadãos, temos a vantagem de ter, além das manifestações naturais, turísticas, universitárias, multiétnicas e fronteiriças, este bichinho que é tão parte do nosso imaginário coletivo!

Por Danto Giardina

El Hombre



Habla

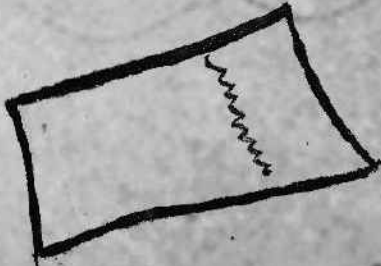


Ilustração: Terracota
Texto: Eugênio Passos

ibre


que

ortusgués



Habiendo llegado, tocaste la campanilla, y,
muy prontamente (como si, tras la puerta,
ya te esperara), una
joven bonita,
bellamente felina,
surgió y te lo dijo:





- Me llamo Preferida,
porque soy la más linda.

- ¡ Por supuesto!
¿ No lo está escrito?

- La clave está
en el Marco.

- Soy un hombre, hijo de mujer.

- Mi profesora me pidió
que viniera a ver al hombre
que habla portugués.

- Éste es mi hermano,
porque es macho;

Y aquella es la
madre de todos,
porque parió
a muchos.

- ¡ He aquí
el Marco!



No había muebles en el salón, sino una silla poltrona cerca de ti. Por el suelo, había muchas hojas con algo escrito, tantas, que cubrían todo el piso.

- Siéntate.

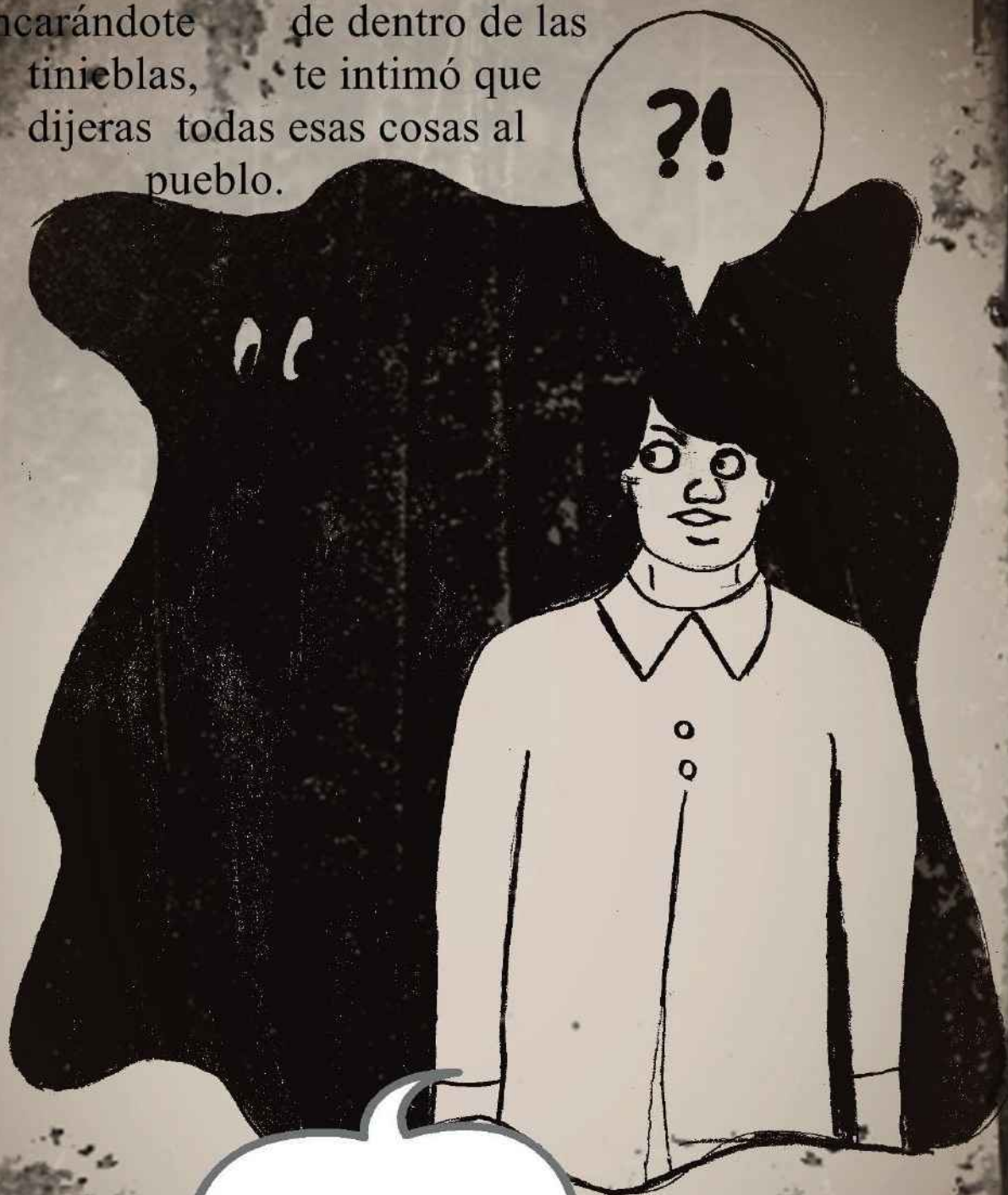


- Mi profesora,
la Flor de Rosario.

?



Después te pareció que él se acercó de ti y, encarándote de dentro de las tinieblas, te intimó que dijeras todas esas cosas al pueblo.



Se hizo, entonces, un silencio tal, como si no hubiera nadie allí. Te sentiste oprimido por aquel súbito y espeso silencio y, cuando

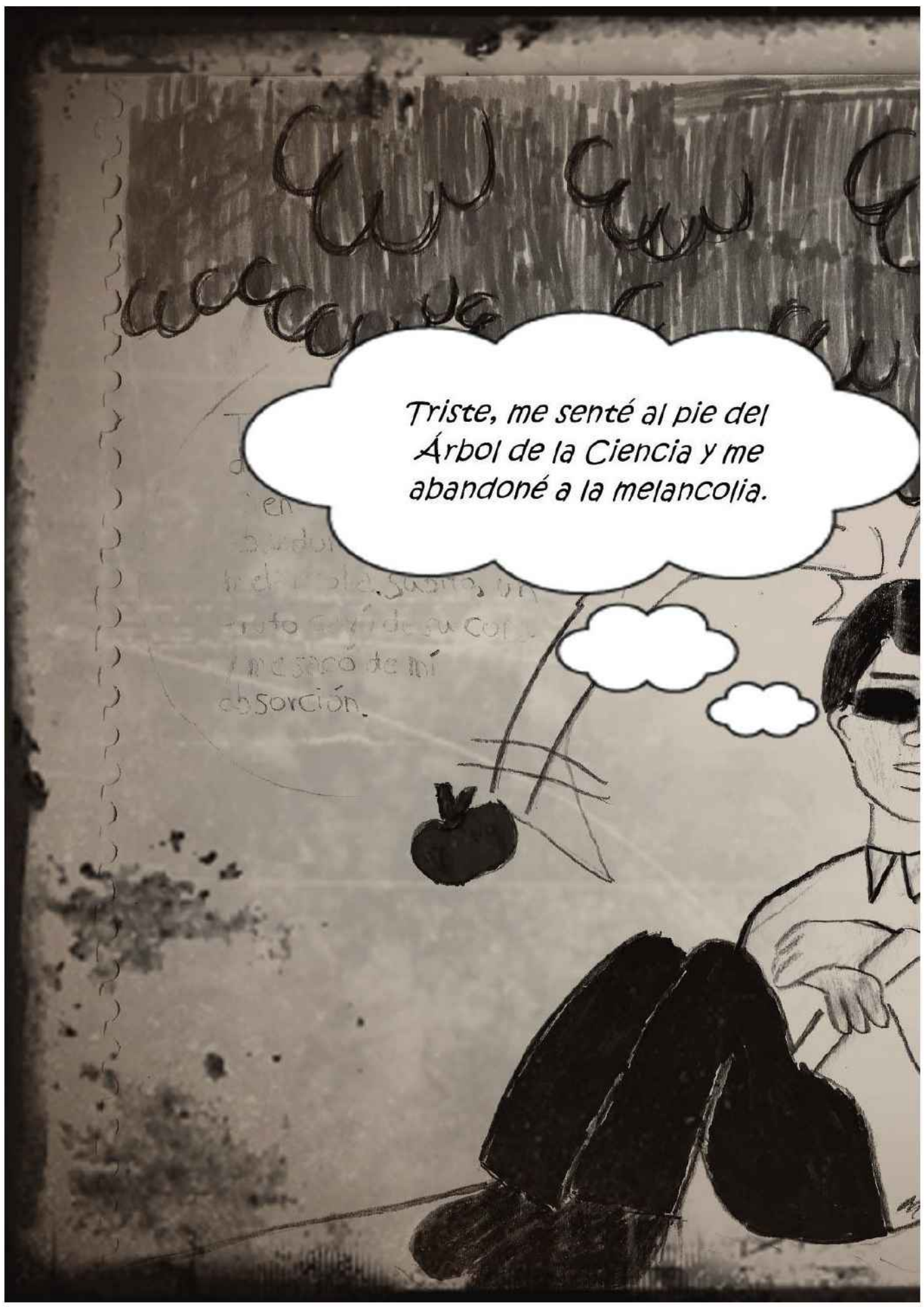
- ¿ ¡ Cómo?!

- ¿ ¡ Cómo diré esas cosas a los hombres sin que unos me apedreen, y otros de mí se rían?!

no soportaste quietud ,

más lo gritaste:

tamaño




*Triste, me senté al pie del
Árbol de la Ciencia y me
abandoné a la melancolía.*

T
a
en
a
del
foto
me sacó de mi
absorción.



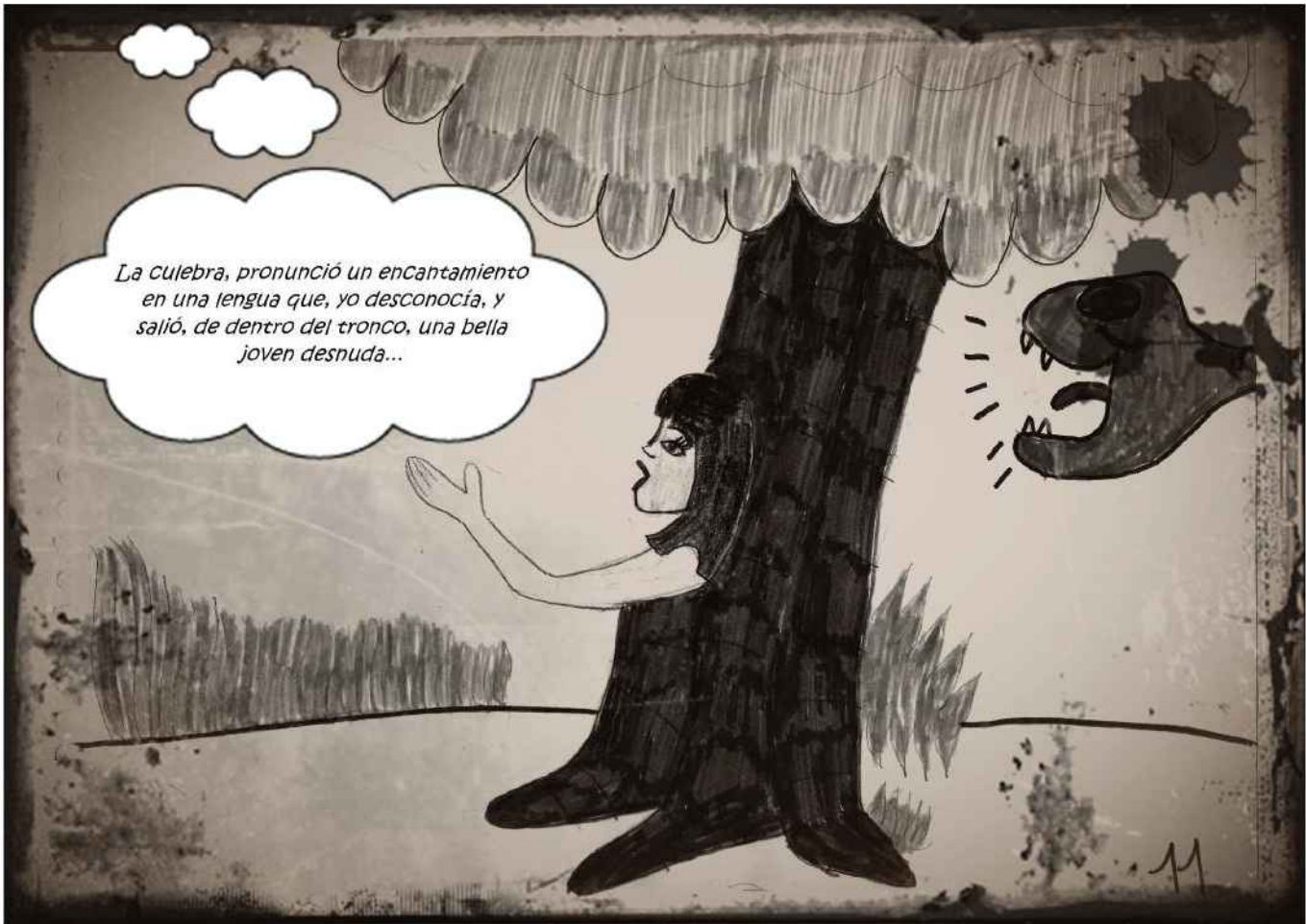
*Súbito, un fruto cayó de su copa
y me sacó de mi absorción.*




¡Cómo era apetitoso!

De repente serpenteando por el árbol, llegó a mi la culebra...

Pero me pareció que no lo debería comer, porque...

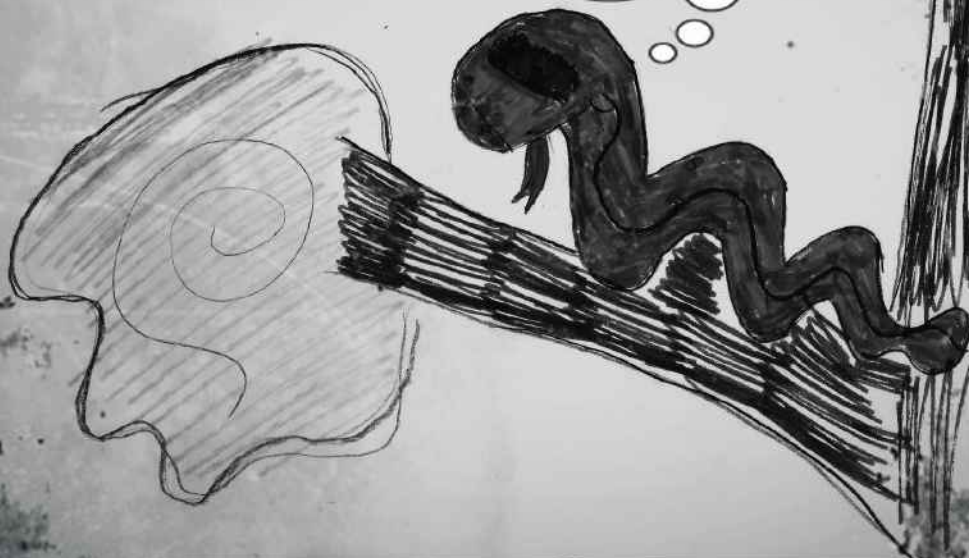


*La culebra, pronunció un encantamiento
en una lengua que, yo desconocía, y
salió, de dentro del tronco, una bella
joven desnuda...*



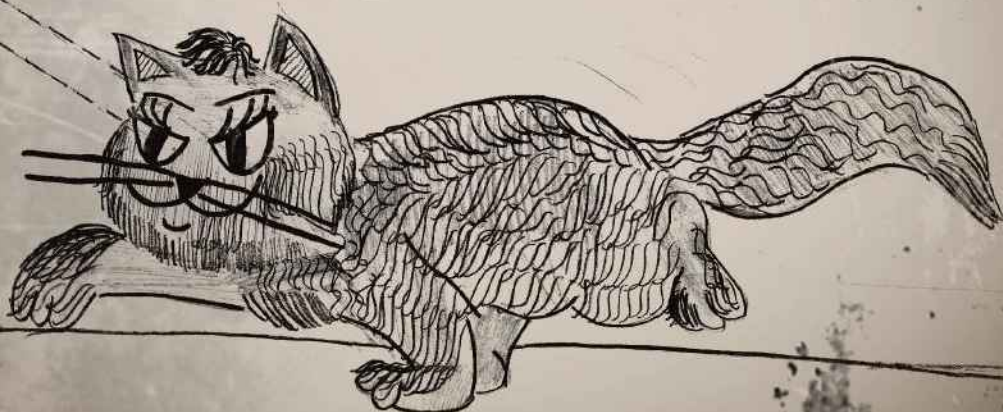
*Ella recogió el fruto y lo
comió pacientemente
frente a mí.*

¡ Escribe, y oirán!



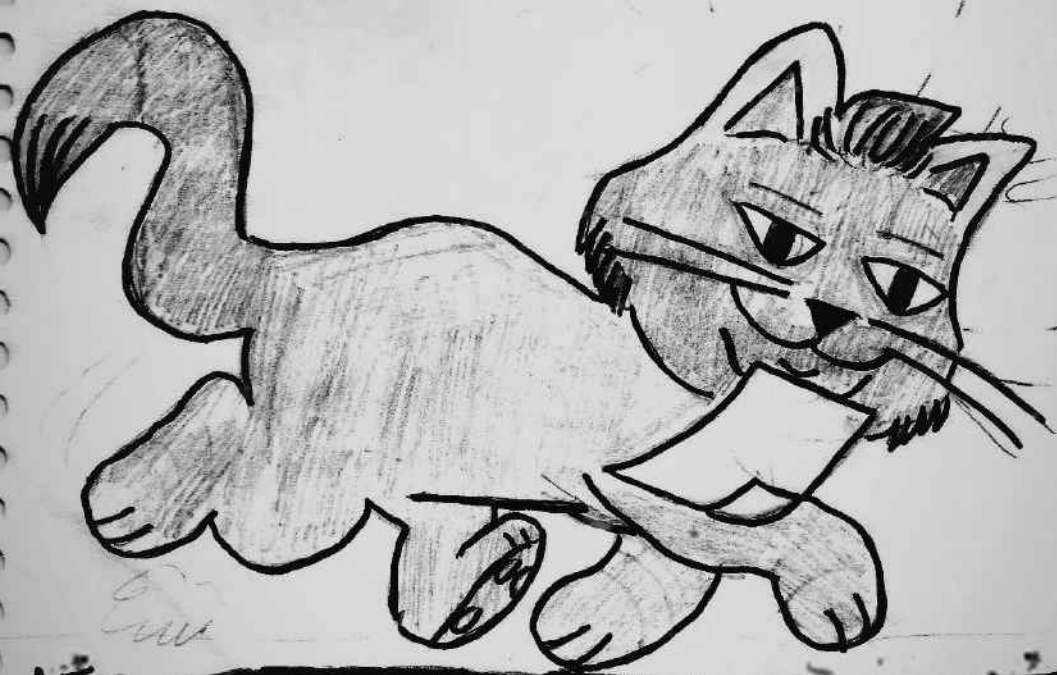
13

Una gata gris se adentró en el salón.
) (() Ella, muy señora de sí, te miró de soslayo...
Te ocurrió que, después de tantas crías, no
le había aún dado un nombre.



14

En seguida, entró un joven gato rubio, que jugueteaba con un papel que trajo consigo.

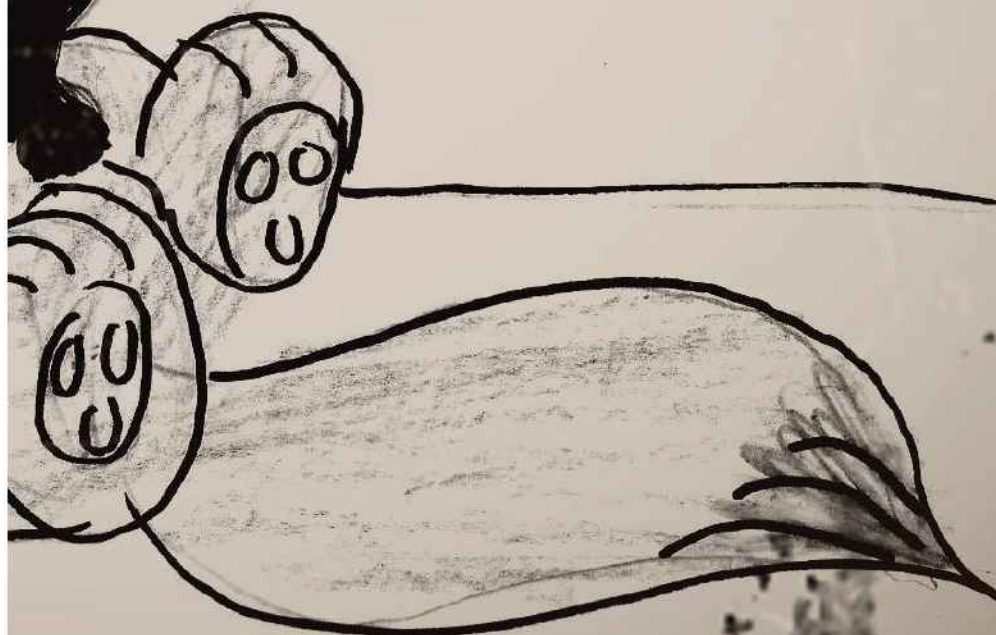


Te acercaste de él, lo tomaste
el regazo y, haciéndole cari
dijiste a él:

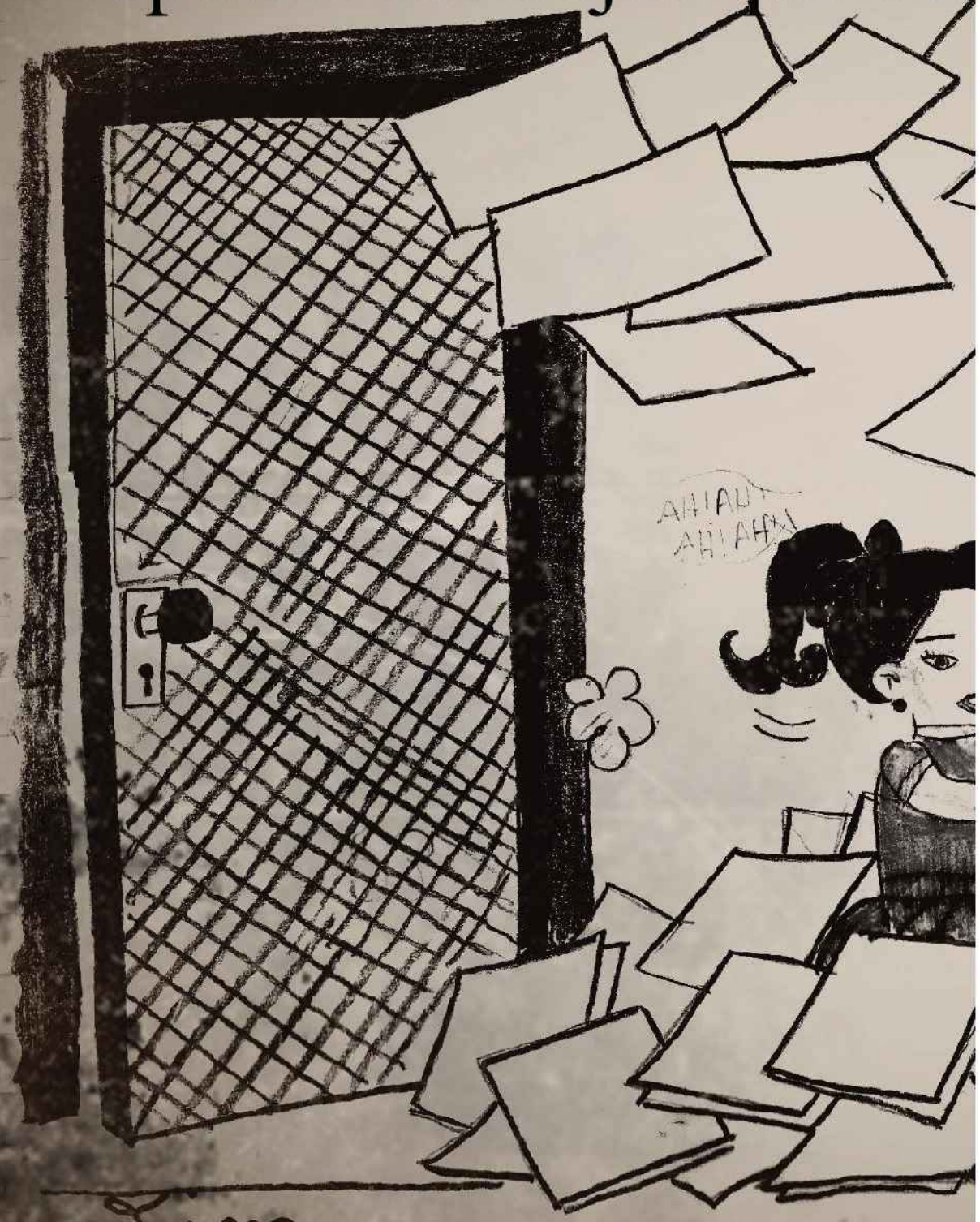


te en
cias, le

*- Todavía tú tienes
un nombre.*

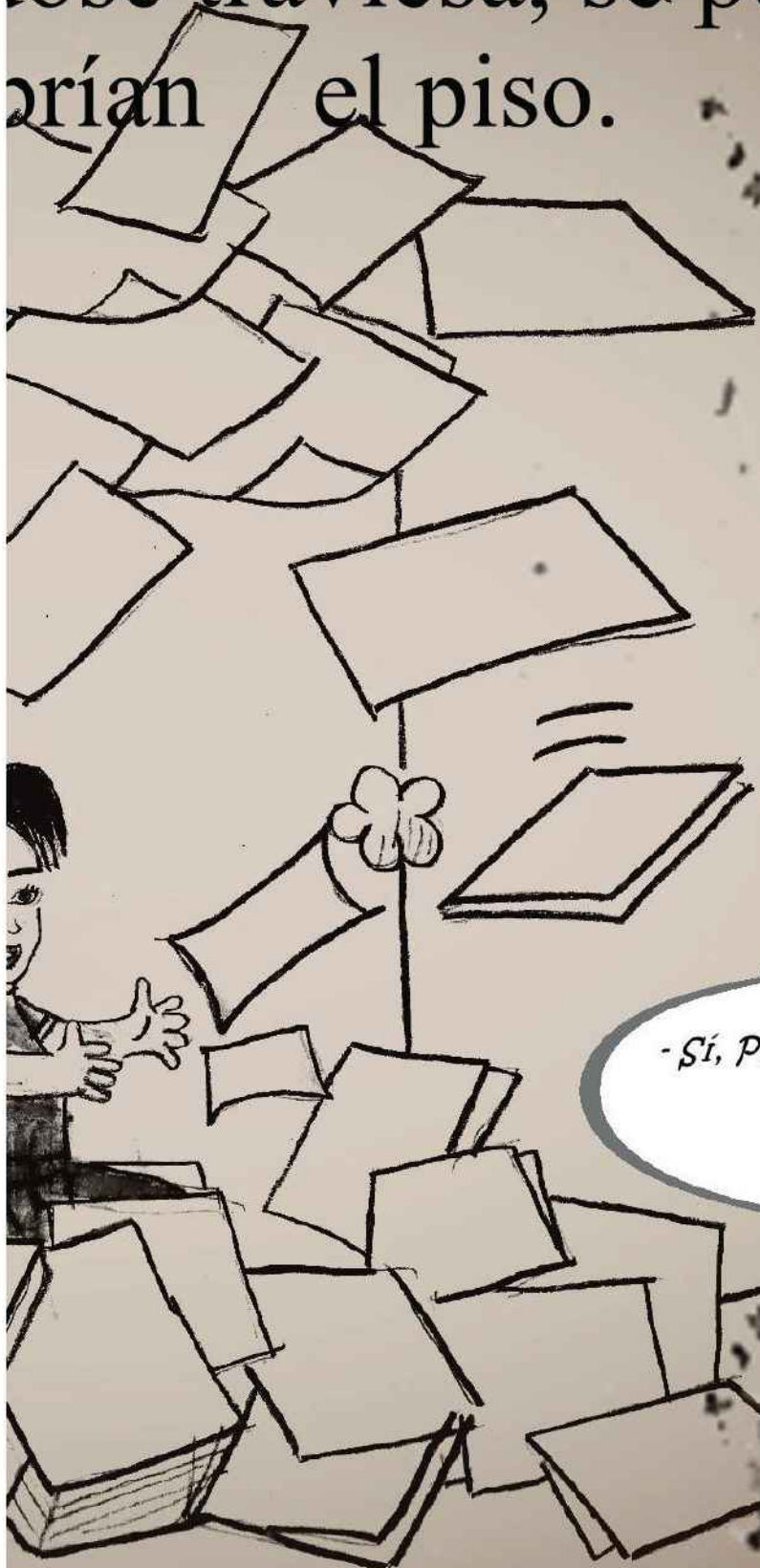


Entonces una niña, entró a esparcir las hojas que cul



Fim.

lose traviesa, se puso
orían el piso.



*¿Qué es eso,
sino un marco?*

*- Sí, Preferida, tienes razón:
la clave está mismo
en el Marco.*

REVISTA

PEABIRU

A Revista Peabiru é um projeto de extensão realizado pela Secretaria de Comunicação Social com a colaboração de professores e alunos de diferentes áreas do conhecimento da UNILA. O projeto surgiu com a ideia de produzir uma revista para difundir a cultura da América Latina vivenciada na Universidade e na região da Fronteira Trinacional.



Uma revista
colaborativa
sobre cultura
latino-americana

Com o objetivo de dialogar com a comunidade, a Revista busca formar uma rede de autores-colaboradores, para ilustrar em suas páginas a diversidade cultural dos sujeitos latino-americanos imersos na região da fronteira trinacional. A criação de uma Revista cultural como a Peabiru tem, principalmente, a missão de contribuir para a integração dos cenários latino-americanos manifestados pelas distintas vozes que ecoam desta fronteira.

Para colaborar, envie o seu material para revista.peabiru@unila.edu.br
Siga este caminho, faça parte da Revista Peabiru.

www.unila.edu.br/revistapeabiru